



Revista Transdisciplinar

Uma oportunidade para o Livre Pensar

Vol. 19 - Ano 10 - Nº 19 – 1º semestre/2022

<http://revistatransdisciplinar.com.br/>

ISSN 2317-8612

www.artezen.org

4 – MANDALATERAPIA: O uso da arte como representação da subjetividade¹

MANDALATERAPIA: El uso del arte como representación de la subjetividade

Silvia Santos de Souza²

Mônica Coutinho Cerqueira Lima³

RESUMO

O presente artigo tem o intuito de descrever e analisar como as mandalas podem ser utilizadas no processo terapêutico, auxiliando na representação da subjetividade durante a criação da arte. É um estudo que caracteriza-se como revisão bibliográfica narrativa, que fornece ao pesquisador bases literárias para a discussão do trabalho científico. As pesquisas foram realizadas nas plataformas de busca: Scielo, Google Acadêmico e revistas científicas, assim como em livros embasados na psicologia analítica. Os resultados foram construídos a partir de três tópicos: o primeiro contextualiza a arte no espaço terapêutico. O segundo apresenta uma análise do uso das mandalas no processo terapêutico. E o terceiro, aborda a representação da subjetividade do sujeito, a partir da utilização de mandalas. Com base nos resultados obtidos, constatou-se que as mandalas podem ser utilizadas no contexto terapêutico, com pacientes diagnosticados ou não, fornecendo os mais diversos benefícios.

Palavras-chave: Mandalas. Mandalaterapia. Terapia com Mandalas. Subjetividade e Psicologia Analítica.

¹ Artigo apresentado como requisito para obtenção de aprovação na disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso II, no curso de Bacharelado em Psicologia do Centro Universitário Social da Bahia – UNISBA.

² Graduanda no curso de Bacharelado em Psicologia pelo UNISBA. E-mail: silviasantosds@gmail.com.

³ Orientadora desta investigação. Mestre em Saúde Comunitária pelo (ISC/UFBA). Socióloga pela (FFCH/UFBA) e Docente no UNISBA. E-mail: mcclima@unisba.edu.br / coutinhomoniquinha@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

“Ao pintar, o pintor não vê o mundo, vê a representação dele na memória que dele tem. A pintura é, em suma, a representação duma memória.”

(Saramago, 1994)

Em um espaço terapêutico, o terapeuta tem a sua disposição as mais variadas formas de atuar, desde que essas sejam norteadas pelo Código de Ética Profissional⁴, e entre uma dessas está ligada a utilização de mandalas. As quais são consideradas como figurações geométricas, onde podem estar presentes círculos e quadrados. Além disso, elas podem estar inseridas e/ou serem utilizadas em diversos contextos (SOUSA, 2012).

A técnica com mandalas pode contribuir no processo de “restabelecer o equilíbrio interior que foi perdido” (VON FRANZ, 1977, p. 212 *apud* REIS, 2014). Ainda segundo Reis (2014), esse equilíbrio interior pode ser restabelecido, pois, as mandalas são capazes de favorecer no dinamismo da (re)orientação da energia psíquica em torno do self (centro), que mais a frente será melhor abordado.

De acordo com Von Franz (2016), os indígenas Navajo, por exemplo, tentavam, através de pinturas de mandalas na areia, trazer a harmonia para uma pessoa doente. Já as civilizações orientais, utilizavam as mandalas para consolidar o ser interior ou favorecer a meditação profunda. Além destes exemplos de utilização das mandalas, as mesmas podem ser encontradas nos mais diversos rituais religiosos, decoração, entre outros.

A confecção de mandalas é uma técnica muito utilizada no processo terapêutico contemporâneo e acabou sendo denominada de Mandalaterapia ou terapia com mandalas. Essa técnica fornece diversos benefícios ao analisando, principalmente pelo fato de que, através da utilização e criação de mandalas, ele pratica o autoconhecimento, conseguindo assim, acessar conteúdos e conflitos internos (FERNANDES, 2018).

Mendonça e Brito (2017) afirmam que a criação e utilização de mandalas é uma técnica totalmente individual, pois normalmente é originada de uma imagem interior. Sendo assim, nenhuma mandala é criada igual a outra. Ao mencionar o aspecto de ser algo individual, não podemos deixar de falar da subjetividade, termo que, muitas vezes, é entendido como:

[...] aquilo que diz respeito ao indivíduo, ao psiquismo ou a sua formação, ou seja, algo que é interno, numa relação dialética com a objetividade, que se refere ao que é externo. É compreendida como processo e resultado, algo que é amplo e que constitui a singularidade de cada pessoa (SILVA, 2009, p. 170).

De acordo com Reis (2014), a arte é uma forma de comunicação, uma maneira de expressar a subjetividade, ou seja, a singularidade do indivíduo. Carl Gustav Jung considerava a arte como uma forma de libertação, transformação e dava bastante ênfase na importância da arte na vida dos indivíduos, principalmente na construção deles. Foi através desta importância que ele começou a perceber que seus analisandos produziam espontaneamente desenhos de mandalas (FADIMAN; FRAGER, 1986).

Segundo Santo (2016), Jung observou que as representações imagéticas da mandala, na verdade, são formas de expressar o mundo interior e favorecer a meditação em profundidade. A meditação profunda seria uma forma do indivíduo se concentrar no próprio “eu”. Desta forma, a mandala seria uma maneira de reconhecer o Self, o arquétipo central, de ordem e totalidade da personalidade e com isto chegar ao processo de individuação. Para Jung, a individuação é um processo de totalidade, que se direciona a uma liberdade. A individuação seria a forma mais completa de realização das qualidades coletivas do ser humano (FADIMAN; FRAGER, 1986).

No Brasil, um dos nomes mais citados em relação à utilização da arte no processo terapêutico é o de Nise da Silveira. Câmara (2002), relata em alguns de seus estudos sobre a vida de Nise, que ela foi uma psiquiatra que tinha suas ideias bastante semelhantes às de Jung. Sempre buscava utilizar a arte como uma forma de libertação e contato com o “eu” interior. Em um de seus

⁴ Segundo o Conselho Federal de Psicologia (2005), o Código de ética surge como uma forma de nortear os profissionais. Não busca normatizar as técnicas, mas sim, assegurar a partir dos valores relevantes para a sociedade, uma conduta que consolide o reconhecimento social da categoria em questão.

contatos com Nise, o próprio Jung lhe explicou que as mandalas de seus pacientes eram uma reação de compensação do inconsciente, seria uma tentativa de reunificação do ego. Complementando, informou que a linguagem não verbal de seus pacientes psicóticos, eram na verdade, uma ponte para que ela pudesse compreender a singularidade deles, além de ser representações dos arquétipos.

Com base nos pontos até aqui apresentados, chegamos à seguinte questão de investigação: Como a criação e o uso de mandalas podem ser utilizados no processo terapêutico? Com o intuito de alcançar, na medida do possível, a resposta deste questionamento, foram elaborados os seguintes objetivos: descrever e analisar como as mandalas podem ser utilizadas no processo terapêutico e verificar a representação da subjetividade através da utilização delas.

Após perpassar por alguns outros temas, que também vejo como importantes, me deparei com a ideia de falar sobre mandalas. Arte que tenho grande afinidade e tenho inserido em minha vida pessoal há alguns anos. A arte é um grande bem que a humanidade tem. Através desta, é possível trabalhar diversos aspectos, sejam eles psíquicos ou físicos. Pude perceber isso mais nitidamente ao realizar um estágio de psicologia em um centro de reabilitação. Muitas vezes os pacientes não conseguiam expressar verbalmente o que estavam sentindo, pensando, as suas angústias. Mas, por meio de pinturas e desenhos, transmitiam aquilo.

Desta maneira, a elaboração deste estudo justifica-se, tanto pela motivação pessoal como, também, pela necessidade de se passar o conhecimento de que a arte manual, principalmente a criação de mandalas, pode ser utilizada pela psicologia como uma forma facilitadora de comunicação, interação e representação da subjetividade. Fazendo-se necessário pesquisar e refletir sobre as práticas da mandalaterapia.

2. METODOLOGIA

Para a construção deste artigo, foi realizada uma revisão bibliográfica narrativa. Pois, essa revisão fornece ao pesquisador diversos objetivos e benefícios, como: promoção de aprendizado sobre determinada área de conhecimento, facilitação de

identificação e seleção dos métodos e técnicas que serão utilizadas, além de oferecer bases para a redação de introdução e revisão de literatura para a discussão do trabalho científico (PIZZANI *et al*, 2012).

A pesquisa na literatura deu-se a partir da seleção de materiais disponíveis nas seguintes plataformas de busca: Scielo, Google Acadêmico e revistas científicas, assim como em livros embasados na psicologia analítica. Utilizou-se os descritores: mandalas; psicologia analítica; arte e psicoterapia; Nise da Silveira; mandalaterapia. E considerou-se pesquisas com em média seis anos, ou seja, de 2014 a 2020, mas foram utilizados estudos publicados em datas anteriores, para fundamentar teoricamente este artigo.

Foram identificados, inicialmente, 375 materiais que abordavam o tema de forma geral, sendo 309 apenas sobre arte e psicoterapia. Desses, foram selecionados 45 que abordavam mais especificamente o tema, e excluídos 330 que não apresentavam relação direta com o tema central aqui abordado. Portanto fizeram parte desse estudo 20 artigos, além 6 resoluções/notas/caderno dos Conselhos de Psicologia e Associação de Arteterapia, e 19 livros que tratavam diretamente do tema de acordo com a perspectiva adotada pela pesquisadora responsável por este artigo.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados dos estudos selecionados para fundamentar a abordagem do tema do presente artigo foram divididos em três tópicos, onde serão apresentados aspectos importantes para uma melhor compreensão referente ao tema central. Partindo disto, teremos o *primeiro* tópico, que contextualiza, historicamente, a arte no espaço terapêutico, ressaltando seus benefícios e maneiras de utilização. O *segundo* tópico que apresenta uma análise referente ao uso das mandalas no processo terapêutico. E o *terceiro*, que abordará a representação da subjetividade do sujeito, a partir da utilização de mandalas.

3.1 A ARTE E O ESPAÇO TERAPÊUTICO

“A arte diz o indizível; exprime o inexprimível, traduz o intraduzível “

(Leonardo da Vinci)

No momento em que realizamos uma pesquisa sobre a história da arte e o seu possível surgimento, podemos perceber que ela quase sempre esteve presente na vida humana, em diversos contextos, seja através de rituais, dramatizações, símbolos, pinturas, músicas, entre outros. De acordo com Boswell e Strickland (2014), a arte teria surgido há cerca de 25 mil anos, quando o homem neanderthal evoluiu para o cro-magnon.

Soares (2017, p. 5), reflete em seu livro que a história da arte ultrapassa uma jornada evolutiva do homem, que partiria da produção simples à complexa. Ela vai dizer que a arte está voltada para a “construção de uma narrativa onde o homem se coloca acima de tudo como um criador de símbolos”.

As ideias de Soares (2017) vão se assemelhar com as apresentadas por Fischer (1981, p. 21). Esse último, coincide com o fato de que a arte está inserida na humanidade desde os tempos mais remotos, podendo ser considerada uma técnica praticamente tão antiga quanto o próprio homem. Conjuntamente, diz que “a arte é uma forma de trabalho, e o trabalho é uma atividade característica do homem”. Neste aspecto de *trabalho*, o autor vai trazer a definição do termo, primeiramente a partir do pensamento de Karl Marx e, logo após, faz sua própria análise. Optou-se neste artigo por trazer as reflexões do autor:

O homem se apodera da natureza transformando-a. O trabalho é a transformação da natureza. O homem também sonha com um trabalho mágico que transforme a natureza, sonha com a capacidade de mudar os objetos [...] (FISCHER, 1981, p. 21)

Desta forma, considera-se que os primeiros objetos relacionados com a arte foram desenvolvidos com o intuito de monitorar ou suavizar as forças da natureza. Porém, com o aumento da inteligência presente na evolução humana (neanderthal - cro-magnon), foi-se surgindo novas formas artísticas, que ultrapassaram apenas a construção/aprimoramento de ferramentas. Deu-se lugar, então, às imagens (BOSWELL; STRICKLAND, 2014). Nesse ponto, é importante mencionar a arte rupestre, considerada como primeira arte, realizada na pré-história e desenvolvida a partir de

representações gráficas. Segundo Soares (2017), esses grafismos vão ser essenciais para a compreensão dos aspectos da época e seus fatores culturais.

Com o passar do tempo a arte foi ganhando novas formas de expressão, como já foi mencionado no início deste tópico. E com isso foi atraindo um importante foco de estudiosos, no campo científico e artístico, desde o final do século XIX, tendo maior notoriedade no início do século XX, principalmente no campo da psicologia e da psiquiatria. Entre os primeiros pesquisadores que relacionaram a arte com saúde mental, podemos citar: Tardieu, em 1872; Simon, em 1876 e 1888; Lombroso, em 1889; Mohr, em 1906; Rejà, em 1907 e Prinzhorn, em 1922 (FERRAZ, 1998 *apud* VASCONCELLOS; GIGLIO, 2007). Entretanto, vale salientar que não há uma data fixa de quando a arte começou a ser considerada no espaço terapêutico (GIGLIO; GIGLIO, 2011).

Foi entre os anos 20/30 que as teorias de Freud e Jung deram um passo primordial para o desenvolvimento inicial da arteterapia enquanto campo de atuação. Freud começou a analisar algumas obras de arte de artistas consagrados, tanto no campo das artes plásticas como da literatura, nas artes plásticas podemos citar como exemplo Michelangelo (VASCONCELLOS; GIGLIO, 2007). Reis (2014, p. 144), vai destacar que para o teórico, essas obras de arte “expressavam manifestações inconscientes do artista, considerando-as uma forma de comunicação simbólica, com função catártica.” *Catharsis* é um termo grego que significa purificação, purgação. Explicando de forma breve, esta função seria uma forma de descarregar adequadamente os afetos patogênicos, a partir do momento em que o sujeito evoca ou revive os acontecimentos traumáticos (LAPLANCHE; PONTALIS, 2001).

Para a teoria freudiana o inconsciente se expressa através de imagens, tanto nos sonhos como na arte. Esse acesso seria privilegiado, uma vez que por esses meios, seria mais fácil escapar da censura imposta na fala. Mesmo com essa grande análise, referente a utilização da arte no processo terapêutico, é importante ressaltar que Freud não chegou a utilizá-la (REIS, 2014).

Contudo, diferente de Freud, Jung inseriu rapidamente a arte no contexto terapêutico.

Jung é visto como o primeiro a solicitar que seus analisandos desenhassem e pintassem o que desejassem, sonhos e conflitos. Ele considerava essa criatividade artística uma função psíquica natural. Através desses produtos artísticos, seria possível “observar” o que está acontecendo no espaço interno do analisando, sem quaisquer véus ou disfarces. O processo de cura estaria ligado ao fato de converter os conteúdos em imagens simbólicas (SILVEIRA, 1992). Ou seja, para a teoria junguiana, a arteterapia forneceria instrumentos que apoiaram a formação de símbolos, possibilitando a comunicação entre o inconsciente e consciente, desbloqueando assim, as defesas inconscientes (RODRIGUES *et al*, 2018).

Antes de prosseguir com a inserção da arte no espaço terapêutico, torna-se necessário contextualizar brevemente um termo que se apresentou constantemente em parágrafos anteriores, a arteterapia. O entendimento do seu conceito auxiliará na melhor compreensão do conteúdo a ser aqui abordado. Sendo assim, se utilizará a definição de Ciornai (2004, p. 7):

[...] termo que designa a utilização de recursos artísticos em contextos terapêuticos. Esta é uma definição ampla, pois pressupõe que o processo do fazer artístico tem o potencial de cura quando o cliente é acompanhado pelo arte-terapeuta experiente, que com ele constrói uma relação que facilita a ampliação da consciência e do autoconhecimento, possibilitando mudanças.

Entretanto, ainda de acordo com Ciornai (2004, p. 7):

[...] apesar de o termo “arte” referir-se de modo geral a diversas linguagens artísticas, o termo “arteterapia” ficou relacionado ao trabalho de profissionais que utilizam preponderantemente as artes plásticas como recurso terapêutico e o termo “artes em terapia” ou “terapias expressivas” para denominar o uso mais amplo das diferentes linguagens artísticas.

Retornando ao contexto histórico da arteterapia, essa só começou a ganhar maior visibilidade e se constituir como profissão após as primeiras Guerras Mundiais. Foi na

década de 40 que Margareth Naumburg, considerada pioneira, sistematizou essa prática através do viés psicanalítico. Neste período houve a publicação de seu primeiro livro, chamado *Free*, onde a autora relata a influência da expressão artística em relação aos problemas de comportamento de crianças e adolescentes. O livro teve como base pesquisas que ela realizou no New York Psychiatric Institute (CARNEIRO, 2016).

Para Margareth o trabalho artístico seria como um espelho, onde o paciente projetaria seus conflitos inconscientes. A expressão artística, também, favorecia no quesito da verbalização, levando em consideração o momento em que o paciente fala de sua arte. Além disso, a prática artística poderia estabelecer uma melhor relação/comunicação entre o paciente e o terapeuta. As descobertas de Margareth nos Estados Unidos foram ganhando forma e abrangendo outros países (GIGLIO; GIGLIO, 2011). Torna-se viável apontar que a “interpretação” do conteúdo artístico realizado pelo paciente, não fica sob responsabilidade do terapeuta, é uma análise desenvolvida conjuntamente (LEOPOLD, 2018).

Importante mencionar outras mulheres que foram de extrema importância para implementação/construção da arteterapia enquanto prática. Como Florence Cane, irmã de Margareth Naumburg, Edith Kramer, Barbara Wittles e, no Brasil, Nise da Silveira.

No Brasil, a arteterapia ganha seu espaço na primeira metade do século XX, sofrendo influência da psicanálise e psicologia analítica. No país, dois nomes vão ser mencionados e vistos como grande influência, Osório César e Nise da Silveira, ambos psiquiatras que consideraram importante a utilização da arte com seus pacientes. A inserção da arte no contexto psiquiátrico, em uma época onde os pacientes eram “tratados” a partir de métodos agressivos, como eletrochoque, isolamento, banhos frios, chicotadas, máquinas giratórias e sangrias, trouxe um olhar mais humanitário no tratamento e reabilitação desses pacientes (REIS, 2014).

De acordo com a União Brasileira das Associações de Arteterapia (UBAAT)⁵, para se tornar um arteterapeuta é necessário

⁵ Disponível em: <https://www.ubaatbrasil.com/>. Acesso em: 15 out. 2021.

realizar uma formação/especialização específica, pois a disciplina fica em um campo de interação entre a arte e a terapia. Ou seja, não é só o fato de gostar de arte que irá tornar um profissional arteterapeuta, é preciso ter um conhecimento teórico sobre. Os locais que oferecem essa formação, necessitam seguir o currículo presente na Resolução Nº 001/2013, da própria União. Além disso, vale mencionar a existência do Código de ética dos arteterapeutas, que pode ser consultado no próprio site da UBAAT.

A partir do que foi apresentado até aqui, sobre a arteterapia, pode-se constatar, de acordo com a American Art Therapy Association (Associação Americana de Arteterapia, 2017), que ela vai ser utilizada como uma forma, atrevo dizer, benéfica, de:

[...] melhorar a cognitiva e funções sensoriais-motoras, fomentam a autoestima e a autoconsciência, cultivam resiliência emocional, promover insights, melhorar as habilidades sociais, reduzir e resolver conflitos e angústias, e avançar mudanças sociais e ecológicas (AMERICAN ART THERAPY ASSOCIATION, 2017).

A arteterapia vai surgir, como já foi mencionado, como uma forma facilitadora de “apresentar” o conteúdo oculto, inconsciente, do sujeito. Esse processo nem sempre será agradável, uma vez que o sujeito entrará em contato com recordações e sensações que não gostaria. Entretanto, esse processo é essencial para o crescimento pessoal e autoconhecimento (LEOPOLD, 2018).

Como mencionado ao longo deste tópico, existem diversas formas artísticas que podem ser utilizadas no contexto terapêutico. Entre essas formas, podemos citar as mandalas. Jung começou a perceber que seus analisandos produziam espontaneamente desenhos de mandalas. Para ele, a mandala simbolizava uma forma de organização psíquica e estaria ligada ao processo de individuação. Desta forma, por meio das mandalas seria possível perceber o crescimento pessoal (FADIMAN; FRAGER, 1986). De acordo com Machado *et al* (2017), ao criar uma mandala, os indivíduos entram em contato com seu inconsciente e com isto, de certa forma, surgem sentimentos e emoções que serão expressadas. No tópico subsequente, será melhor explicado a

inserção das mandalas no processo terapêutico.

3.2 O USO DAS MANDALAS NO PROCESSO TERAPÊUTICO

O termo *mandala* provém de uma palavra da língua sânscrita, umas das mais antigas línguas clássicas da Índia, e entre seus significados, ela pode ser compreendida como um círculo. Conforme Rodrigues, Miyazaki e Silva (2010, p. 11) “o círculo é o símbolo da perfeição, da eternidade, da unidade, da completude; logo, as mandalas simbolizam o centro, o equilíbrio, a harmonia, a inteireza”. Analisando a etimologia da palavra, encontra-se estudos apontando que o *manda* tem referência a essência, e o *la* ao conteúdo. Desta forma, a palavra mandala pode ser denominada como aquilo que contém essência, esfera da essência ou círculo da essência (GREEN, 2005 *apud* DIBO, 2006).

De acordo com Pontes (2016), não se sabe ao certo quando surgiu a primeira mandala, porém, acredita-se que seus primeiros registros foram entre o século VIII a.C na região do Tibete, região localizada na parte ocidental da China. Já segundo Dahlke (1991, p. 36)

É difícil dizer algo sobre a história da mandala, porque história pressupõe tempo; a mandala, porém, existe em essência – como a sua configuração ainda nos ensinará – além do tempo e do espaço. [...] A mandala não se deixa ordenar no tempo; aliás, nem sequer é possível observá-la, pois sempre tende a nos atrair para o seu centro, e neste ponto central, o tempo e o espaço cessam de existir.

Outros estudos, destacam que as mandalas sempre estiveram presentes na vida humana desde os tempos mais remotos, podendo ter as mais variáveis atribuições significativas em diferentes culturas e continentes (SONNEBORN; KESSLER, 2013). Esse termo de cultura, vai ser defendido, pelo antropólogo Clifford Geertz, como:

algo essencialmente semiótico [...] o homem é um animal amarrado a teias de significados que ele mesmo teceu, assumo a cultura como sendo essas teias e a sua análise; portanto, não como

uma ciência experimental em busca de leis, mas como uma ciência interpretativa, à procura do significado (GEERTZ, 2008, p.4).

Ainda neste ponto de diversidade dos significados de acordo com as culturas, torna-se necessário citar outra afirmação de Clifford Geertz, onde ele destaca que “compreender a cultura de um povo expõe a sua normalidade sem reduzir sua particularidade” (GEERTZ, 2008, p. 10). Ou seja, quanto mais se estuda uma cultura, mais se nota a singularidade daquele povo. É partindo disto, que será feita uma análise voltada para a forma em que as mandalas se apresentam em algumas culturas. Ressalto que embora tenha encontrado materiais para embasar este tópico, esse processo foi difícil, principalmente em estudos brasileiros. Por este fato, muitas vezes, alguns autores são mencionados mais ativamente.

Nas civilizações ocidentais, as mandalas, muitas vezes, são criadas para o uso arquitetônico e decorativo. Desta forma, acabam servindo mais para enfeitar, sem se levar muito em consideração as vibrações que elas podem oferecer. As mandalas nessas civilizações vão ser utilizadas de forma profana e sagrada. O profano seria pelo fato de estarem presentes nos desenhos dos pisos das casas, roupas, jóias, marcas, entre outros. E sagrado, pois são utilizadas na construção e arquitetura dos templos, catedrais, como as rosáceas cristãs. (FIORAVANTI, 2003). Além disso, de acordo com Jaffé (2016, p. 324), “podemos considerar mandalas as auréolas de Cristo e dos santos cristãos das pinturas religiosas”.

Já nas civilizações orientais, a mandala vai ser utilizada como um suporte para a consolidação do ser interior e/ou como uma forma de favorecer uma meditação profunda, uma concentração do indivíduo com ele mesmo. Acredita-se que as mandalas tendem a auxiliar a mente que deseja ordem ou que queira algum significado para a existência (SOUSA, 2012). Von Franz (2016, p. 286) aponta que:

A contemplação de uma mandala deve trazer paz interior, uma sensação de que a vida voltou a encontrar a sua ordem e o seu significado. A mandala também produz este sentimento quando aparece, espontaneamente, nos sonhos do homem moderno, que não está

influenciado por qualquer tradição religiosa desse tipo e nada sobe a esse respeito.

Com base na referida citação, é importante observar que, talvez, os efeitos positivos da mandala sejam maiores no sujeito que não tem conhecimento sobre elas ou alguma tradição. Isso porque o conhecimento pode influenciar ou bloquear experiência espontânea (VON FRANZ, 2016, p. 286). E é neste ponto de espontaneidade, que as mandalas começam a ser observadas no campo da psicologia com um outro olhar, além do arquitetônico e ritualístico.

Jung, começou a utilizar as mandalas como uma representação simbólica da psique. Isso ocorreu após a observação de que seus analisandos criavam mandalas de forma espontânea, tanto através de desenhos como da dança, sendo esse último feito, especialmente, pelas mulheres. Na Índia, isso vai se chamar de *mandala nritya* (dança mandálica). O que Jung constata com isso, era que mesmo os pacientes não tendo conhecimento das suas produções, eles percebiam que aquilo atuava, de alguma forma, sobre seus estados subjetivos (JUNG, 2013).

Assim como Jung, Nise da Silveira (2016), também, observou que seus clientes (termo utilizado por ela) esquizofrênicos, frequentadores do ateliê do hospital psiquiátrico, no Engenho de Dentro, criavam mandalas de forma espontânea. Eles desenhavam imagens circulares, onde algumas eram regulares e harmoniosas e outras eram irregulares. Nise relata que teve dificuldade em entender as imagens, mas já percebia a grande analogia que tinha entre elas e as mandalas que apareciam nas religiões orientais. Com isso, começou a reunir as produções artísticas e com o grande número de obras, mais tarde, se constituiu o primeiro álbum do acervo do Museu de Imagens do Inconsciente. A psiquiatra chegou a enviar uma carta, juntamente com algumas fotografias, para Jung a fim de obter a confirmação, ou não, se aquelas produções eram realmente mandalas. A carta foi enviada em 12 de novembro de 1954 e em 15 de dezembro de 1954 foi respondida por Aniela Jaffé, secretária e colaboradora de Jung, confirmando que os desenhos eram mandalas e fazendo algumas perguntas como:

[..] o que significaram esses desenhos para os doentes, do ponto de vista de seus sentimentos; o que eles quiseram exprimir por meio dessas mandalas? Será que esses desenhos tiveram alguma influência sobre eles? (SILVEIRA, 2016, p. 58).

Para o Jung, a mandala seria uma imagem circular que continha um centro de ordem, centro este que compensa a confusão estabelecida no estado psíquico do sujeito. As mandalas, pintadas por esquizofrênicos, eram uma forma de defesa da psique, uma compensação. A compensação surge como uma tentativa de autocura do inconsciente, uma forma de não danificar, ainda mais, o estado psíquico do sujeito. Entretanto, “isso não indicará que, desde logo, a ordem psíquica seja restabelecida. As imagens circulares exprimem tentativas, esboços, projetos de renovação” (SILVEIRA, 2016, p. 63).

O próprio Jung, relata que pintava mandalas e a primeira foi pintada em 1916, mesmo período em que escreveu os *Septem sermones ad mortuos* (Sete sermões aos mortos). Ele conta que enquanto estava na função de comandante da Região Inglesa de Internados de Guerra, desenhava todas as manhãs uma mandala em um livro de notas e esses desenhos pareciam assemelhar-se com a situação interior que ele estava vivendo. Entretanto, diz que no primeiro momento não compreendia os desenhos, conseguindo realizar isso apenas entre 1918-1919, perto do fim da Primeira Guerra Mundial, quando começou a sair da obscuridade. Porém, mesmo não compreendendo de imediato, sentia que as mandalas influenciavam nas transformações psíquicas que operavam nele, no caso de conflito interno, desenhava uma mandala diferente (JUNG, 2019). O teórico descreve que seus desenhos como:

[...] criptogramas que me eram diariamente comunicados acerca do estado de meu “Si Mesmo”. Eu podia ver como meu “Si Mesmo”, isto é, minha totalidade, estava em ação (JUNG, 2019, p. 201).

A relação entre os símbolos circulares e/ou quadrados, com o que era trazido pelos pacientes através de desenhos ou sonhos, começou a ser melhor compreendida por

Jung após a publicação da obra escrita por ele e Richard Wilhelm “O segredo da Flor de Ouro”, em 1929, na Alemanha. A flor de ouro era considerada por Jung um símbolo mandálico e aparecia, constantemente, nos desenhos dos seus pacientes. Normalmente é desenhada de forma bem geométrica ou como uma flor crescendo da planta. Quando surge nessa última forma, em alguns casos, simboliza a interrupção do fundo da obscuridade, tendo cores luminosas e incandescentes. Chega a ser comparada com uma árvore de natal (JUNG, 2013).

Nesta obra, Jung compromete-se a revelar o segredo da flor e, também, ficou responsável em realizar as interpretações e comentários no viés psicológico. A partir dessas interpretações, constatou que a mandala tende a possuir uma dupla eficiência, onde a *primeira* seria voltada ao fato de conservar a ordem psíquica, caso ela já exista e a *segunda* estaria ligada ao processo de restabelecimento dessa ordem, se ela estiver “desaparecida” (SOUSA, 2012).

Com base em seus estudos, Jung, inseriu as mandalas no processo terapêutico com o objetivo de auxiliar na identificação de distúrbios e alterações dos fatores emocionais de seus pacientes, a fim de recuperar a integridade deles. Nesse processo, ele chegou a constatar que a utilização de mandalas era até mais efetiva que a própria análise sozinha (ZÚÑIGA, 2012).

Jung vai realizar duas associações com mandala. A *primeira*, é que a mandala seria uma forma arquetípica. Os arquétipos são “estruturas” do inconsciente coletivo, aqueles conteúdos que parecem perpassar a história e todas as diferenças culturais, registros transpessoais. Essa comparação fica mais nítida quando analisa-se o desenho de uma criança, ainda na fase de aprendizagem. É comum que um dos primeiros desenhos sejam mandalas: sóis, círculos, flores, árvores, entre outros. Esses desenhos possuem grande semelhança àqueles feitos pelos povos primitivos. A *segunda* associação é com o Self, arquétipo central, centro da totalidade e ordem, da integração e da plenitude e vinculado ao processo de individuação. O Self pode se expressar de diversas maneiras, sendo uma delas, através das mandalas (REICHOW, 2002).

O self não é apenas o centro, mas também toda a circunferência que

abarca tanto o consciente quanto o inconsciente, é o centro desta totalidade, assim como o ego é o centro da consciência (JUNG, 1991, p. 51).

Um dos pontos dessa comparação de Jung se dá pelo fato de que a relação entre o ego e o self, é uma relação dinâmica e mandálica. Não é uma relação linear, o ego gira em torno do self, aproximando-se e afastando-se. São esses movimentos que governam a vida psíquica e auxiliam no processo de individuação. Processo esse que é considerado como um crescimento rumo à totalidade do indivíduo. A individuação tem como objetivo integrar as várias partes da psique, como ego, persona, sombra, anima ou animus, além dos outros arquétipos inconscientes, unindo o consciente e inconsciente. A elaboração desses símbolos inconscientes, como a mandala, aparece como uma forma de promover a evolução pessoal, além de evidenciar que tal processo está ocorrendo. Por isso, a observação e análise desses símbolos torna-se tão importante no processo terapêutico (FINCHER, 1991).

Há várias maneiras de se analisar uma mandala no contexto terapêutico. As formas geométricas, as cores, a intensidade e outros aspectos, vão disponibilizar ao profissional um norte em relação a situação psíquica do analisando. Todos esses aspectos vão indicar um simbolismo importante a ser observado. Ou seja, cada um desses elementos são responsáveis por alguma parte das vibrações da mandala, vibrações que emanam da sua existência (FIORAVANTI, 2003).

As formas geométricas, constantemente, vão criar as vibrações numéricas. Entretanto, isso não se torna uma regra, uma vez que outras formas também podem definir a base numérica. Entre um exemplo geométrico, temos o triângulo, que é considerado um elemento muito presente nas mandalas. O triângulo, ocasionalmente é relacionado ao número 3 e seus derivados (FIORAVANTI, 2003). Fincher (1991), menciona que o triângulo pode remeter a um símbolo de dinamismo, indicador de direção (para cima, baixo, dentro ou fora) ou um atributo às divindades femininas e masculinas. Quando um ou mais triângulos são desenhados para fora, podem indicar uma energia agressiva ou autoproteção. Quando são para dentro, ou seja, o centro da mandala, podem indicar

agressividade voltada para o próprio indivíduo.

As mandalas podem ser utilizadas no processo terapêutico independentemente da abordagem do profissional. Mendonça e Brito (2017) destacam que no viés da Gestalt-terapia as interpretações das cores, por exemplo, ficam de responsabilidade do cliente, ele é quem dá seus significados. Sendo assim, as predefinições do psicoterapeuta, não são levadas em conta. As autoras também sinalizam que a produção de mandalas tem um efeito catártico, pois o indivíduo pode externalizar conteúdos que, por outras vias, talvez, não fosse possível acessar e liberar.

São diversas técnicas disponíveis para a confecção de mandalas. Elas podem ser pintadas com tintas, óleo, lápis de cor, argila, pedras, areias coloridas ou não, madeira, até mesmo através da dança, entre outras formas (FINCHER, 1991). A conduta terapêutica pode ou não impor algumas normas, como, por exemplo, definir com antecedência os materiais a serem utilizados ou traçar pontos de partidas para a confecção. Tudo isso vai depender dos objetivos almejados com aquela produção artística, as necessidades do indivíduo (KIYAN, 2009 *apud* MENDONÇA; BRITO, 2017).

Com base no que foi apresentado, observa-se que a utilização de mandalas no processo terapêutico pode ter várias finalidades. Elas podem ser utilizadas com o intuito de estimular a percepção, atenção, coordenação motora, aspectos cognitivos, que na psicologia vão ser chamados de processos psicológicos básicos. Também, podem ser utilizadas para expressar conteúdos internos, fortalecendo o autoconhecimento. Além disso, muitas vezes a mandala é usada apenas como uma forma de relaxamento (PONTES, 2016). Elas podem ser utilizadas em qualquer momento, “não é necessário esperar por uma crise para desenhar mandalas” (FINCHER, 1991, p.185).

3.3 REPRESENTAÇÃO DA SUBJETIVIDADE ATRAVÉS DAS MANDALAS

Conforme mencionado anteriormente, a arte vai ser uma ferramenta essencial no processo terapêutico, uma vez que tende auxiliar na representação do conteúdo inconsciente dos sujeitos, proporcionando a produção de símbolos e, assim, buscando a

revitalização e organização da consciência (JUNG, 1985). Desta forma, a produção artística vai falar de quem a criou, e neste ato, libera uma manifestação subjetiva.

Diante das formas artísticas existentes, as mandalas também vão surgir como uma maneira de representação da subjetividade. Além de serem utilizadas no viés da auto descoberta, auxiliando na reflexão e indo de encontro ao self, elas vão registrar os mais diferentes estados psíquicos do indivíduo, os sentimentos, sensações, intuições, uma vez que são consideradas como desenhos projetivos. Essa alta movimentação da percepção vai ser comparada a um jogo rítmico entre a psique e o diálogo com a subjetividade (KELLOGG, 1978 *apud* FERNANDES, 2020).

Como, também mencionado anteriormente, Jung foi um dos primeiros a estudar as influências das mandalas. Entretanto, não foi o único. A psiquiatra norte-americana, Joan Kellogg, também aderiu a utilização de mandalas, mas como teste projetivo para observar quais pacientes poderiam ser sujeitos à terapia do LSD (Dietilamida do Ácido Lisérgico). Para isso, analisava os desenhos de mandalas desses pacientes, a fim de verificar quais poderiam ter um surto psicótico caso ingerissem LSD (MENDONÇA; BRITO, 2017).

Os testes projetivos e expressivos são categorizados como instrumentos da avaliação psicológica. Essa avaliação é considerada, de acordo com a Resolução 02/2003 do Conselho Federal de Psicologia, como:

[..] procedimentos sistemáticos de observação e registro de amostras de comportamentos e respostas de indivíduos com o objetivo de descrever e/ou mensurar características e processos psicológicos, compreendidos tradicionalmente nas áreas emoção/afeto, cognição/inteligência, motivação, personalidade, psicomotricidade, atenção, memória, percepção, dentre outras, nas suas mais diversas formas de expressão, segundo padrões definidos pela construção dos instrumentos.

Além disso, embora tenham ocorrido muitas discussões relacionadas a liberação dos teste para outros profissionais, os testes para avaliação psicológica são instrumentos

privativos do psicólogo. E, de acordo com o Conselho Regional de Psicologia do Paraná (2016), para que seja possível analisar de forma correta o conteúdo projetado, torna-se necessário ter um conhecimento técnico e científico, além de um planejamento prévio e cuidadoso. Em caso de dúvida, se o teste é regulamentado ou não, deve-se acessar o site do Sistema de Avaliação dos Testes Psicológicos (SATEPSI).

O Conselho Regional de Psicologia de Santa Catarina (2019), sinaliza que as práticas e instrumentos de intervenção utilizados pelo psicólogo, independentemente da área de atuação, devem ser selecionadas levando em consideração a demanda apresentada. Essas seleções, devem corresponder aos princípios éticos e legislativos da profissão. Sendo assim, os profissionais necessitam estar atentos às especificidades de cada uma dessas práticas.

Sinalizo que até o momento da conclusão deste artigo, não foram encontrados materiais do Conselho de Psicologia que autorizem o uso das mandalas como avaliação psicológica. Sendo assim, o profissional necessita ter atenção e respaldo. A avaliação psicológica de alguém não deveria/deve ser realizada utilizando apenas com um método.

Algo que não se pode deixar de notar, é que as mandalas realmente fornecem benefícios terapêuticos, e isso é compartilhado por alguns profissionais. Villela (2019), por exemplo, relata que ao realizar algumas oficinas de mandalas, observou que o próprio encontro das pessoas naquele espaço e a troca entre elas já eram curativas. Prossegue dizendo que isso acontece pelo fato de que as pessoas se sentem conectadas com seu lado criativo e lúdico. Mesmo seguindo regras para a produção das mandalas, o inconsciente busca uma forma de se manifestar, seja por meio da intensidade, escolha das cores, de pontos ou de formas. É a partir desses aspectos que o profissional pode observar como aquela pessoa está naquele momento de criação. Sempre lembrando que o processo de interpretação de uma obra é realizado pelo terapeuta e paciente.

Outra profissional que observou os benefícios da mandala foi Nise da Silveira (2016), após compreender, mesmo que inicialmente, esse símbolo. A psiquiatra, ao longo do seu livro, descreve como os desenhos de alguns clientes foram se

modificando a partir do estabelecimento da ordem psíquica deles. Um desses pacientes, por exemplo, fez seu primeiro desenho totalmente desordenado e utilizando cores de forma violenta, representando sua face de forma convulsa. Após alguns dias, fez o segundo desenho com a face menos convulsa, mas ainda contendo traços desordenados.

O último desenho desse paciente, estava limpo, não apresentando mais aquele estado de caos psíquico inicial. Ele desenhou uma árvore, que segundo Jung, representa o self e o processo de crescimento. Depois desse desenho, o paciente recebeu alta (SILVEIRA, 2016). A partir do que foi exposto, é possível observar como ao longo dos desenhos das mandalas, foi-se estabelecendo uma ordem para o caos interior do indivíduo.

Garros e Machado (2019), realizaram uma pesquisa utilizando mandalas com idosos, de 60 anos, diagnosticados com depressão. A pesquisa de campo deu-se em dois momentos. O primeiro voltado para a aplicação da Escala de Depressão Geriátrica (EDG-30) e no segundo iniciaram as atividades de pintura de mandalas. Após a realização dessas atividades, obteve-se o resultado de que os participantes tiveram uma melhora significativa em seus quadros. Alguns participantes que tinham um nível médio de depressão, passaram para uma pontuação que indicava ausência dela. As pesquisadoras concluíram que a utilização da arte, em especial das mandalas, neste contexto é eficaz.

Enquanto pesquisadora e criadora de mandalas, compreendo a eficácia que elas podem fornecer no viés terapêutico. Quando cria-se e/ou pinta-se uma mandala, de certa forma, ocorre uma conexão consigo. É um momento de concentração, onde o indivíduo se conecta com seus sentidos e reflete. Assim como Jung, também comecei a perceber a alteração das mandalas de acordo com o conflito interno. Tanto no formato, onde acabam ficando assimétricas, como também na escolha das cores. Neste quesito de cores, é importante mencionar a influência que eles têm. Afinal, não é em vão que escolhemos as cores e também não é à toa que a psicologia estuda esse ramo. Mas torna-se necessário salientar que o estudo das cores não pode/deve ser levado, completamente, como verdade. Pois cada indivíduo atribui o seu significado para as cores, formas, e arte.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base nos resultados obtidos, foi possível observar como os estudos realizados, pioneiramente por Jung, contribuíram para tornar as mandalas mais conhecidas no ocidente, ultrapassando o viés arquitetônico e decorativo. A mistura entre o ocidente e o oriente, proporcionou o desenvolvimento científico de uma prática que tende a beneficiar muitos sujeitos. Desta forma, constatou-se que a mandala, além de poder ser utilizada no contexto terapêutico por diversas abordagens, fornece um grande benefício no processo de introspecção dos indivíduos e representação da subjetividade. É uma técnica que pode ser considerada eficaz, uma vez que tende a compensar o caos psíquico, restabelecendo uma ordem. Além disso, influencia no relaxamento e estimula aspectos cognitivos, sensoriais, perceptivos, entre outros.

Salienta-se que por mais que as mandalas sejam “parecidas”, podendo ser do mesmo criador, é importante estudá-las de forma individual, atentando-se a cada detalhe, pois cada mandala pode fornecer indicadores clínicos. Visto que, em cada produção artística, é representada a subjetividade presente naquele momento, ou seja, a situação psíquica do indivíduo.

A mandala torna-se um perfeito exemplo da psique. Embora o olhar seja atraído para o centro, não se deixa de considerar os outros elementos presentes, assim como a psique. O centro da psique, de acordo com a teoria junguiana, é o self. Entretanto, quando o reconhecemos, não deixamos de fora os outros arquétipos que estão ao seu redor. Afinal, são todos esses componentes que formam a singularidade, tanto das mandalas, como dos sujeitos. O olhar para dentro não vai anular o externo.

Ao longo da construção deste estudo, algo que considerei de grande importância foi o fato de mencionar o nome de mulheres. Destaco que não tive o intuito de depreciar os trabalhos publicados por homens, até porque utilizei produções científicas deles. No entanto, observei que existe um grande arsenal de trabalhos femininos, que foram de suma importância para a construção da psicologia e da arteterapia. Sendo assim, optei, quando possível, pelos textos femininos. A fim de trazer maior representatividade feminina no artigo, pois, infelizmente, ainda vivemos em uma

sociedade onde o papel masculino tem maior relevância frente ao feminino.

Embora tenha encontrado materiais que embasaram a escrita deste o artigo, confesso que este processo foi árduo, pois muitos materiais encontrados eram voltados para a arteterapia, e quando era feito o recorte para as mandalas, esses trabalhos se reduziam de forma drástica. Por este fato, muitas vezes alguns autores acabavam sendo repetidos de forma mais ativa. Ainda existem poucas publicações no Brasil sobre a temática, o que reafirma a necessidade de realização de novos estudos que contemplem esta temática e preencham as lacunas ainda existentes.

Nesse sentido, gostaria de salientar que não foi meu intuito apontar neste artigo qual seria a melhor prática artística a ser utilizada em um espaço terapêutico. Acredito que todas as práticas, no primeiro momento, podem ser consideradas, desde que possam auxiliar de algum modo, no bem-estar dos sujeitos que procuram um psicoterapeuta.

REFERÊNCIAS

- AMERICAN ART THERAPY ASSOCIATION. **Definition of Profession**. 2017. Disponível em: https://www.arttherapy.org/upload/2017_DefinitionofProfession.pdf. Acesso em: 15 out. 2021.
- BOSWELL, J.; STRICLAND, C. **Arte comentada: da pré-história ao pós-moderno**. 15 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2014.
- CÂMARA, F. P. **História da Psiquiatria: vida e obra de Nise da Silveira**. Psychiatry on line Brasil. v. 7, n. 9, Set/2002. Disponível em <http://www.polbr.med.br/ano2/wal0902.php> Acesso em 17 de Set. de 2021.
- CARNEIRO, Celeste. Arteterapia e o 12º congresso brasileiro de arteterapia. **Revista Transdisciplinar**. Salvador, v. 8, n. 8, p. 30-33, jul. 2016. Disponível em: <http://revistatransdisciplinar.com.br/edicao/vol-8-ano-4-no-8-julho-2016/>. Acesso em: 20 set. 2021.
- CIORNAI, Selma. (org) **Percursos em Arteterapia: arteterapia gestáltica, arte em psicoterapia, supervisão em arteterapia**. Coleção novas buscas em psicoterapia; v.62. São Paulo: Summus, 2004.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. **Código de Ética Profissional dos Psicólogos**.

Resolução n.º 10/05. Brasília: agosto de 2005.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA.

Resolução N.º 002/2003. Define e regulamenta o uso, a elaboração e a comercialização de testes psicológicos e revoga a Resolução CFP n.º 025/2001.

Brasília, Disponível em:

<https://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2012/05/resoluxo022003.pdf>.

Acesso em: 17 nov. 2021.

CONSELHO REGIONAL DE PSICOLOGIA DO PARANÁ. **Caderno de Avaliação Psicológica**:

Dimensões, campos de atuação e atenção. 1. ed, Curitiba, 2016. Disponível em: https://crppr.org.br/wp-content/uploads/2019/05/AF_CRP_Caderno_AvaliacaoPsicologica_pdf.pdf. Acesso em: 17 nov. 2021.

CONSELHO REGIONAL DE PSICOLOGIA DE SANTA CATARINA. **Nota de Orientação Sobre a Utilização de Práticas Integrativas e Complementares (Pics) e Outras Práticas Emergentes em Psicologia**.

Disponível em: <https://crpsc.org.br/public/images/boletins/Nota%20PIC.pdf>. Acesso em: 18 nov. 2021.

DAHLKE, Rüdiger. **Mandalas formas que representam a harmonia do cosmos e a energia divina**. São Paulo: Pensamento, 1991.

DIBO, Monalisa. **Mandala: um estudo na obra de C. G. Jung**. Último Andar, n. 15, p. 66-73, 2006. Disponível em:

<https://revistas.pucsp.br/index.php/ultimoandar/article/view/13184>. Acesso em: 10 set. 2021.

Acesso em: 10 set. 2021.

FADIMAN, James; FRAGER, Robert. Carl Jung e a Psicologia Analítica. *In*: FADIMAN, James; FRAGER, Robert. **Teorias da Personalidade**. São Paulo: Harbra, 1986. p. 41-68.

FERNANDES, Ermelinda Ganem. **Mandalas como expressão do Self**. 2020. Disponível em: <https://docero.com.br/doc/ev88cvc>.

Acesso em: 17 nov. 2021.

FERNANDES, Virginia. **Mandalaterapia**. 2018. Disponível em:

<http://revistatransdisciplinar.com.br/>

- www.artezen.org

<https://pt.scribd.com/document/476580959/eb-ook-mandalaterapia>. Acesso em: 03 dez. 2020.

FINCHER, Susanne F.. **O Autoconhecimento Através das Mandalas**. São Paulo: Pensamento, 1991.

FIORAVANTI, Celina. **Mandalas: como usar a energia dos desenhos sagrados**. São Paulo: Pensamento, 2003.

FISCHER, Ernst. As origens da arte. In: FISCHER, Ernst. **A necessidade da arte**. 9. ed. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1981. Cap. 2. p. 21-37.

GARROS, Danielle dos Santos Cutrim; MACHADO, Lariane de Souza. A pintura de mandalas como meio de intervenção no tratamento terapêutico ocupacional para idosos com sintomas depressivos. **Revista Interinstitucional Brasileira de Terapia Ocupacional**, Rio de Janeiro, v. 3, p. 210-218, abr. 2019. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/ribto/article/viewFile/18212/pdf>. Acesso em: 22 nov. 2021.

GEERTZ, Clifford. UMA DESCRIÇÃO DENSA: por uma teoria interpretativa da cultura. . In: GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Ltc, 2008. Cap. 1, p. 4;10. 13^o reimpr.

GIGLIO, Zula Garcia; GIGLIO, Joel Sales. Criatividade na arteterapia. In: I CONGRESSO INTERNACIONAL DE CRIATIVIDADE E INOVAÇÃO, 1., 2011, Manaus. **Anais eletrônicos [...]**. Manaus: Criabrasilis, 2011. p. 144-155. Disponível em: <http://citeseerx.ist.psu.edu/viewdoc/download?doi=10.1.1.470.2272&rep=rep1&type=pdf#page=144>. Acesso em: 15 out. 2021.

JAFFÉ, Aniela. O simbolismo nas artes plásticas. In: JUNG, Carl Gustav (org.). **O homem e seus símbolos**. 3. ed. Rio de Janeiro: Harper Collins, 2016. Cap. 4. p. 312-367. Tradução de: Maria Lúcia Pinho.

JUNG, Carl Gustav. Símbolos oníricos do processo de individuação. In: JUNG, Carl Gustav. **Psicologia e Alquimia**. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 1991. Cap. 2, Tradução: Maria Luiza Appy, Margaret Makray e Dora Mariana Ribeiro Ferreira da Silva.

JUNG, Carl Gustav. **O espírito na arte e na ciência**. Rio de Janeiro: Vozes, 1985. Tradução de: Maria de Moraes Barros.

JUNG, Carl Gustav. **Memórias, sonhos e reflexões**. 33^o. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2019. Tradução: Dora Ferreira da Silva.

JUNG, Carl Gustav. O movimento circular e o centro. In: JUNG, Carl Gustav; WILHELM, Richard. **O segredo da Flor de Ouro: um livro de vida chinês**. 13^o. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2013. Cap. 2. Tradução de: Dora Ferreira Silva e Maria Luiza Appy.

LAPLANCHE, Jean; PONTALIS, Jean-Bertrand Lefebvre. **Vocabulário da psicanálise**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001. Tradução: Pedro Tame. Disponível em: https://www.academia.edu/24575918/Vocabul%C3%A1rio_da_Psican%C3%A1lise_Laplanc he_e_Pontalis?from=cover_page. Acesso em: 28 out. 2021.

LEOPOLD, Adriana M.. **Arteterapia: a busca pelo autoconhecimento na criatividade que habita em nós**. São Paulo: Instituto Freedom, 2018. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/510945138/Arteterapia-Instituto-Freedom>. Acesso em: 04 nov. 2021.

MACHADO, Janaina Gonçalves *et al.* Mandala no processo terapêutico. **Revista Científica Univçosa**, Viçosa, Minas Gerais, v. 9, n. 1, p. 361-364, dez. 2017. Disponível em: <https://academico.univcosa.com.br/revista/index.php/RevistaSimpac/article/view/917/1025>. Acesso em: 22 out. 2021.

MENDONÇA, Bruna Improta de Oliveira; BRITO, Maria Alice Queiroz de. Mandalas como recurso terapêutico na prática da Gestalt-Terapia. **IGT rede**, Rio de Janeiro, v. 14, n. 27, p. 273-290, 2017. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1807-25262017000200009&lng=pt&nrm=iso. acesso em 23 out. 2021.

PIZZANI, L.; SILVA, R. C. da; BELLO, S. F. HAYASHI, M. C. P. I. A arte da pesquisa bibliográfica na busca do conhecimento.

RDBCI: Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação, Campinas, SP, v. 10, n. 2, p. 53–66, 2012. DOI: 10.20396/rdbci.v10i1.1896. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rdbci/article/view/1896>. Acesso em: 23 out. 2021.

PONTES, Sandra Jamberg. **Mandalas terapêuticas: Desvendando os Mistérios de sua mente**. [S. L.]: Simplíssimo, 2016. 88 p. Disponível em: <https://pt.scribd.com/book/405700292/Mandalas-terapeuticas-Desvendando-os-Misterios-de-sua-mente>. Acesso em: 02 out. 2021.

REICHOW, Jeverson Rogério Costa. **Processos de significação em estados ampliados de consciência dentro de uma abordagem transdisciplinar holística: estudo de caso com crianças de uma escola pública de Porto Alegre**. 2002. 122 f. Dissertação - Curso de Pós Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2002. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/3303/000335696.pdf>. Acesso em: 19 nov. 2021.

REIS, Alice Casanova dos. **Arteterapia: a arte como instrumento no trabalho do Psicólogo**. *Psicol. cienc. prof.*, Brasília, v. 34, n. 1, p. 142-157, mar. 2014. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_artext&pid=S1414-98932014000100011&lng=pt&nrm=iso. Acesso em 23 out. 2021. <https://doi.org/10.1590/S1414-98932014000100011>.

RODRIGUES, Hélia Marta Messias *et al.* Arteterapia, um importante recurso psicoterápico. **Revista Científica Univiçosa**, Viçosa, v. 10, n. 1, p. 611-616, dez. 2018. Disponível em: <https://academico.univicoso.com.br/revista/index.php/RevistaSimpac/article/view/1106>. Acesso em: 01 out. 2021.

RODRIGUES, Daniel; MIYAZAKI, Ely Satie Ito; SILVA, Izabel Penteado Dias da. **Mandalas**. 2010. Disponível em: <https://pdfcoffee.com/tcc-mandalas-2010-pdf-free.html>. Acesso em: 01 nov. 2021.

SANTO, Tanise Silva Gonçalves do Espírito. **O que pode a mandala na escuta terapêutica clínica?** 2016. Disponível em: <https://univates.br/bdu/bitstream/10737/1449/6/2016TaniseSilvaGon%c3%a7alvesdoEspiritoSanto.pdf>. Acesso em: 24 out. 2021.

SILVA, Flávia Gonçalves da. Subjetividade, individualidade, personalidade e identidade: concepções a partir da psicologia histórico-cultural. **Psicol. educ.**, São Paulo, n. 28, p. 169-195, jun. 2009. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-69752009000100010&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 03 out. 2021.

SILVEIRA, Nise da. **O mundo das imagens**. São Paulo: Ática, 1992.

SILVEIRA, Nise da. **Imagens do inconsciente**. Rio de Janeiro: Vozes, 2016. 2ª reimpr.

SOARES, Ana Cecília. **História da Arte**. Sobral: [S.N.], 2017. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/429644507/Livro-Historia-da-Arte>. Acesso em: 07 out. 2021.

SONNEBORN, Dulcinéia; KESSLER, Adriana Silveira. **MANDALA: um símbolo do processo de individuação. Conversas Interdisciplinares**, v. 8, n. 3, 2013.

SOUSA, Maria Daniela Pereira de. **Mandalas ou círculo mágico: uma abordagem em contexto educativo**. 2012. 245 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Educação Artística, Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa, Lisboa, 2012. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10451/9929>. Acesso em: 17 set. 2021.

UNIÃO BRASILEIRA DE ASSOCIAÇÕES DE ARTETERAPIA (Brasil). **Arteterapia**. Disponível em: <https://www.ubaatbrasil.com/>. Acesso em: 15 out. 2021.

VILLELA, Keller. **O uso das mandalas no setting terapêutico**. 2019. Disponível em: <https://www.ijep.com.br/artigos/show/o-uso-das-mandalas-no-setting-terapeutico>. Acesso em: 15 nov. 2021.

VON FRANZ, Marie Louise. O processo de individuação. *In: JUNG, Carl Gustav (org.). O* <http://revistatransdisciplinar.com.br/> - www.artezen.org

homem e seus símbolos. 3. ed. Rio de Janeiro: Harper Collins, 2016. Cap. 3. p. 210-307.

ZÚÑIGA, Haroldo Basoalto. **Carl Gustav**

Jung: Mandalas, un viaje al interior de “uno mismo”. 2012. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/370983904/105246747-Carl-Gustav-Jung-Mandalas-doc>. Acesso em: 15 set. 2021.

Mandala em pontilhismo



Por Sílvia Santos